

## Os impactos psicológicos do *bullying* na rede escolar de ensino médio em alunos LGBT+

ARTIGO

**Wagner Grizorti<sup>i</sup>** 

Unioeste, Faculdade UDC, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

**Márcia da Luz Leal<sup>ii</sup>** 

Unioeste, SEED, Santa Terezinha de Itaipu, PR, Brasil

**Thiago Benitez de Melo<sup>iii</sup>** 

Unioeste, Faculdade UDC, Foz do Iguaçu, PR, Brasil

1

### Resumo

Este artigo é uma pesquisa bibliográfica baseada em quatro autores que abordam a importância da temática dos impactos psicológicos do *bullying* na rede escolar de ensino médio, com foco nos alunos LGBT+. O *bullying* pode desencadear uma série de efeitos psicológicos adversos, incluindo ansiedade, depressão, baixa autoestima, isolamento social, pensamentos suicidas e problemas de saúde mental. O ambiente hostil criado pela discriminação e assédio prejudica o bem-estar emocional dos alunos, comprometendo seu desempenho escolar. A educação sobre o impacto do *bullying* e a promoção da empatia são ferramentas essenciais. É fundamental criar um ambiente escolar inclusivo e respeitoso, em que os alunos LGBT+ sintam-se aceitos e valorizados, reduzindo os riscos de discriminação e assédio. Isso inclui a capacitação e formação de professores e funcionários, políticas de inclusão e envolvimento da comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Escola. Violência. Gênero. Sexualidade.

### The psychological impacts of bullying in the high school network on LGBT+ students

### Abstract

This article is a bibliographic research based on four authors that addresses the important theme of the psychological impact of bullying in the high school educational network, with a focus on LGBT+ students. Bullying can trigger a series of adverse psychological effects, including anxiety, depression, low self-esteem, social isolation, suicidal thoughts, and mental health issues. The hostile environment created by discrimination and harassment harms students' emotional well-being, compromising their academic performance. Education about the impact of bullying and the promotion of empathy are essential tools. It is crucial to create an inclusive and respectful school environment that LGBT+ students feel accepted and valued, reducing the risks of discrimination and harassment. This includes training and development for teachers and staff, inclusive policies, and involvement of the school community.

**Keywords:** School. Violence. Gender. Sexuality.

## 1 Introdução

2 A escolha do tema voltado para o *bullying* no ambiente escolar justifica-se pela observação de discriminação e falta de informação por parte dos professores que atuam nesses espaços, muitas vezes, devido a um contexto histórico e social marcado pelo colonialismo. A ausência de conhecimento sobre questões LGBT<sup>1</sup> nas formações continuadas dos docentes é notável, resultando em uma falta de sensibilidade e capacidade para lidar com esses tópicos. Além disso, é comum a percepção de que os professores mais antigos que trabalham no ensino médio são mais resistentes às mudanças, em especial, à introdução de novas abordagens pedagógicas.

Isso pode ser um obstáculo significativo para a promoção de um ambiente escolar mais inclusivo e sensível às necessidades dos alunos, incluindo aqueles que fazem parte da comunidade LGBT+. A necessidade de abordar essas questões vai além do currículo acadêmico, já que se relaciona, diretamente, ao bem-estar emocional e social dos alunos. Portanto, é crucial que as instituições educacionais invistam em treinamento e recursos que auxiliem os professores a adquirirem a sensibilidade e as habilidades necessárias para criar um ambiente inclusivo e respeitoso para todos os alunos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Este estudo foi estruturado para coletar discursos por meio de pesquisa bibliográfica e transformar em material de pesquisa suas aspirações, preferências, motivações, dificuldades e lutas em relação ao tema bullying LGBT. Primeiramente, definimos os objetivos que nortearam o estudo e, em seguida, apresentamos os passos metodológicos aplicados para construir qualitativamente as informações fornecidas pelos autores acima elencados. Isto cria diversidade de gênero e muda a desigualdade e o preconceito.

---

1 Atualmente, o termo LGBT é o mais utilizado, representando: lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transsexuais. O termo foi aprovado no Brasil em 2008 em uma conferência nacional para debater os direitos humanos e políticas públicas de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais.

Pesquisas feitas no ano de 2017 pela UNESCO<sup>2</sup>, com adolescentes *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais no Brasil, mostrou que 73% sofreram *bullying* na escola e 37% foram espancados. Os números foram anunciados em audiência da Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH). A análise dos dados foi realizada entre janeiro e março por organizações não governamentais de seis países latino-americanos: Argentina, Brasil, Peru, Colômbia, Uruguai e Chile. O objetivo era identificar problemas enfrentados por estudantes LGBT. Os resultados ajudarão os governos a tomar medidas para melhorar os ambientes escolares e prevenir o suicídio entre os jovens, por exemplo. O Senado da República pediu uma análise de dados sobre o *bullying* LGBT no Brasil. Foram entrevistados 1.016 estudantes de 13 a 21 anos. 60% disseram que se sentiam inseguros na escola, 73% disseram que foram agredidos verbalmente, 48% ouviram comentários homofóbicos e 27% disseram que foram agredidos fisicamente e 36% acreditam que as escolas são ineficazes na prevenção de agressões.

Além disso, o objetivo deste estudo é traçar um panorama completo do fenômeno *bullying* e seu possível impacto psicológico na realidade das escolas públicas de ensino médio, principalmente considerando a carência de pesquisas sobre esse tema nas realidades locais. Espera-se que os dados recolhidos permitam às instituições de ensino planejar intervenções para combater todas as formas de violência, especialmente o *bullying* e para tratar e compreender os efeitos psicológicos.

## 2. *Bullying* e sua contextualização

O primeiro pesquisador a associar a palavra *bullying* foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, no final da década de 1970. Ele pesquisou tendências suicidas entre adolescentes e constatou que a maioria desses jovens enfrentavam

---

2 Disponível em: <http://ubes.org.br/2017/precisamos-falar-sobre-bullying-lbgt/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

algum tipo de ameaça e, por isso, o *bullying* é um mal que deve ser combatido. Para analisar essa tendência da violência, os pesquisadores utilizaram um questionário juntamente com alunos e professores para compreender as diferentes definições do fenômeno do *bullying* nas escolas e para saber o que identifica os alunos como vítimas dessa prática. Os resultados obtidos indicam que as vítimas estão mais fracas do que o habitual, têm uma aparência atípica e podem ter necessidades especiais (FANTE, 2005).

Fante (2005) define *bullying* como qualquer tipo de comportamento que ocorre sem motivo aparente; é empregado por uma ou mais pessoas contra outra, causa dor ou medo e é realizado em uma relação de poder desigual, apresenta, ainda, comportamento agressivo, deliberado e repetido. Portanto, os atos repetidos e o desequilíbrio de poder entre os alunos são características essenciais que possibilitam a intimidação da vítima, a falta de motivos que justifiquem o ataque, as emoções negativas mobilizadas e as consequências emocionais vivenciadas dificultarão a defesa da vítima. Um exemplo é o incidente ocorrido na cidade de Taiúva, na cidade de São Paulo.

Em janeiro de 2003, na cidade de Taiúva, no interior paulista, um tímido jovem de 18 anos, após ter concluído o ensino médio, atirou contra 50 pessoas durante o horário de recreio da escola onde havia estudado. Atingiu oito pessoas e, depois, matou-se com um tiro na cabeça. As vítimas sobreviveram, porém, uma delas ficou paraplégica (FANTE, 2008, p. 20).

Segundo Rolim (2010), o *bullying* é um conceito distinto e muito bem definido, uma vez que não se parece com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, talvez a mais grave, trata-se dos traumas causados ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários contextos: nas escolas, nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho, nos asilos de idosos, nas prisões. Enfim, onde existam relações interpessoais, infelizmente, vivemos numa sociedade extremamente individualista e capitalista, onde o ser humano, para muitos autores, deixou de ser o próximo e passou

a ser apenas um meio para que possa alcançar suas “felicidades”, que tem como projeto, apenas juntar dinheiro e adquirir bens (CALHAU, 2010, p. 4).

Há o perigo de o individualismo começar nas próprias casas, impedindo as pessoas de perceberem os conflitos e as transformações pelos quais passam. Além disso, é imprescindível que sejam revistos os modelos domésticos que giram em torno de parâmetros éticos e solidários com essa individualidade vivida pela sociedade, que busca sempre ter mais a qualquer custo. Os adolescentes acabam assimilando esse comportamento dentro da própria família, que por sua vez reflete na escola, ocasionando, muitas vezes, fatos como o *bullying*.

A pesquisadora Cléo Fante foi a primeira a fazer um estudo mais sistematizado sobre o *bullying* no Brasil, lançando o livro “*Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*” (2008). Após a publicação, a autora passou a ser considerada pioneira a respeito da problemática *bullying* no âmbito educacional brasileiro. Iniciou na região de São José do Rio Preto, em São Paulo, no ano de 2000, o Programa Educar para Paz, que durou até 2003, e teve a participação de dois mil alunos. Ela dirige o CEMEOBES (Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre *Bullying* Escolar), em Brasília, e promoveu, em 2006, o “1º Fórum Brasileiro sobre *bullying* Escolar”, iniciando e consolidando os debates em torno da problemática no Brasil.

Por meio do “Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes”, em escolas do Rio de Janeiro, em 2002, a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência), que surgiu em 1990 com objetivo de defender e promover os direitos das crianças e adolescentes, constatou que o fenômeno *bullying* está presente nas escolas brasileiras e apresenta índices preocupantes.

Fante (2005) constatou, também, que quando os adolescentes estão sendo alvo de perseguição apresentam os seguintes indicadores: quando demonstram falta de vontade de ir à escola; sentem-se mal perto da hora de sair de casa; pedem para trocar de escola; revelam medo de ir ou voltar da escola e pedem sempre para ser

levado; mudam frequentemente o trajeto entre a casa e a escola; apresentam baixo rendimento escolar; voltam da escola, repetidamente com roupas ou livros rasgados; chegam, muitas vezes, em casa com machucados inexplicáveis; tornam-se pessoas fechadas e arredias; parecem angustiadas; ansiosas, deprimidas; apresentam manifestações de baixa autoestima; têm pesadelos frequentes, chegando a gritar “socorro” ou “me deixa” durante o sono; “perdem”, repetidas vezes, seus pertences, seu dinheiro; pedem sempre mais dinheiro ou começam a tirar dinheiro da família; evitam falar sobre o que está acontecendo, ou dão desculpas pouco convincentes para tudo; passam a apresentar sinais de (diarreia, vômito, dores abdominais, asma, insônia e pesadelos) e problemas emocionais (como tristeza, depressão) ou sociais (como isolamento e não participação em atividades de grupo); tentam ou cometem suicídio.

Em uma reflexão mais profunda, é possível perceber, claramente, que o *bullying* é um fenômeno cruel e silencioso, não traz somente consequências negativas para o ambiente escolar, tendo em vista que a sociedade nada mais é do que o resultado das atitudes de cada um de seus membros, essas relações desestruturadas na juventude, quando da formação de valores e do caráter, refletirão duramente ao longo da vida desses alunos.

De acordo com os estudos de Neto (2005), o *bullying* pode ocorrer, especialmente, de duas formas, direto ou indireto, sendo o direto quando há ataque efetivo contra alguém e na sua presença por meio de apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar e indireto, quando a vítima está ausente.

Para Fante (2008), o *bullying* pode ser destacado em dois papéis: o *bully* é quando os agressores caracterizam-se por forçarem as vítimas ao isolamento social e o *bullies*, que se caracteriza quando a vítima é de fora do relacionamento, dando a entender que o poder do agressor depende somente da percepção da vítima, que parece estar a mais intimidada para oferecer alguma resistência. Esta violência é apresentada tanto na forma psicológica, quanto na forma física, e passa, na maior



parte das vezes, despercebida aos olhos dos pais, dos professores e da sociedade, em geral. A vítima de *bullying* pode sofrer esse tipo de maltrato durante muito tempo sem que ninguém perceba o que está passando-se. O agressor exerce uma enorme pressão, incutindo medo e ameaçando retaliação, para que a vítima mantenha-se em silêncio. Muitas vezes, os pais e os professores só notam que se está passando alguma coisa grave quando observam os efeitos dos danos dessa pressão, que se manifestam sob a forma de fobia à escola, baixo rendimento escolar e depressão,

Os maus-tratos repetidos podem, ao longo do tempo, causar graves danos ao psiquismo e interferir negativamente no processo de desenvolvimento cognitivo, emocional, sensorial e socioeducacional. Quando os ataques são crônicos, as vítimas podem-se tornar agressoras; em casos extremos, muitas vezes, resultam em tragédias escolares, como as de Columbine (1999) e Virginia Tech (2007), nos Estados Unidos, as de Taiúva (2003) e Remanso (2004), no Brasil, e Finlândia (2007) (FANTE, 2008, p. 2).

Portanto, é essencial considerar que os aspectos relativos à autoestima de um adolescente contribuem para uma possível posição de vítima ou agressor de seus pares, ainda discernir qual é o papel que a família ocupa na construção dessa autoestima e sua repercussão na vida adulta. Uma importante implicação do *bullying* é a possibilidade de a vítima reproduzir nos menores ou mais frágeis, os abusos que sofre em casa ou na escola.

## 2.1 *Bullying* no ambiente escolar

O Brasil é considerado um dos 10 países mais ricos do mundo, porém um dos maiores problemas ocorre justamente no acesso à educação. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008) apontam que a desigualdade e a escolaridade diferenciam-se a partir do rendimento familiar. Em 2001, foi constatado que 15 milhões de brasileiros, ou seja, 12% da população, ainda era analfabeta e pertencia às famílias consideradas mais pobres.

Nesse sentido, a escola passa a ser vista como espaço privilegiado de educação, a qual deve assumir seu papel decisório que é o de garantir o desenvolvimento de ideias, de atitudes e de conhecimentos que proporcionem ao educando sua incorporação eficaz no mundo civil, no âmbito da liberdade de consumo, da liberdade de escolha e participação da liberdade de escolha e participação política, da liberdade e responsabilidade na esfera da vida familiar e pública (GOMES, 2000). Desse modo, a escola, instituição que tem por finalidade maior a formação e educação do ser social que a frequenta, está inserida nesse contexto agregando diferentes culturas, maneiras de pensar e de agir.

Essa perspectiva de diferentes modos de agir e de pensar e da liberdade de escolhas, a escola pode ser considerada ambiente propício ao *bullying*. Esse tipo de comportamento interfere nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais fracos em objetos de prazer ou diversão, por meio de brincadeiras que mascaram o propósito de maltratar ou intimidar, impossibilitando a vítima de se defender e, ainda, essa não consegue alguém que a defenda dos agressores pelo fato de o *bullying* ser confundido com outras formas de violência.

Segundo Fante (2008), o termo *bullying* é usado para definir as atitudes agressivas de um indivíduo contra outro. É comum que, sem motivo plausível, alguns deles comecem a insultar ou intimidar, colocando apelidos ou fazendo gozações com o intuito de magoar e “infernizar” a vida dos demais. Conhecer sobre a violência escolar consiste em um ganho, na medida em que possibilita a sua compreensão fundamentada num contexto social, histórico, cultural, em que se dá com vantagens de poder resolver ações, comportamentos e situações diferenciadas que envolvem indivíduos distintos: professores, alunos, funcionários e demais membros da comunidade escolar.

Dentro da perspectiva já confirmada, o *bullying* existe nas escolas há anos, no entanto, somente há pouco mais de trinta anos é que o fato começou a ser estudado do ponto de vista psicossocial e científico, e recebeu denominação específica. No entanto, historicamente, o *bullying* é antigo e transformou-se numa questão social



extremamente preocupante, gerando insegurança, especialmente na comunidade escolar, e as soluções apresentadas, até hoje, são paliativas, sem preocupação com a melhoria das relações interpessoais que deveriam ser desenvolvidas por meio de estratégias socioeducativas, em um esforço sistemático, para intermediar o problema existente entre agressor e vítima.

Sendo de grande importância conhecer as outras formas de *bullying*, que estão muito presentes no cotidiano e a sua classificação, Dreyer (2005) reflete que além de causar danos cruéis, o *bullying* está disseminado em todas as escolas, tanto públicas como privadas, e seus comportamentos característicos tendem a aumentar rapidamente com o avanço da idade dos alunos. Trabalhos internacionais têm demonstrado que a prática do *bullying* pode ocorrer a partir dos três anos de idade, quando a intencionalidade desses atos já pode ser observada.

Conforme afirma Lopes Neto (2005), outra forma de *bullying*, também muito presente e violenta, é a que se dá nos meios de comunicação, em especial, na Internet, que segundo Colovini e Costa (2007), o *Facebook* é o principal meio virtual de agressões, ridicularizações, fofocas e outros modos de *intolerância* entre os jovens. A essa modalidade de agressão, dá-se o nome de *CyberBullying* ou *Bullying Virtual*, como abordado por Lopes Neto na reportagem exibida pela Rede Globo, no Fantástico, dia 29 de abril de 2007, e explicado pelo autor (2005). A comunicação televisiva acaba-se tornando um fator de risco econômico-social e cultural e, nessa perspectiva, é de relevância entender a sua classificação.

Lopes Neto (2005) apresenta como *bullying* direto quando as vítimas são atacadas diretamente por meio de apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos, são atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos ou indireto quando estão ausentes, por meio de atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, adotados especialmente pelas meninas. Conhecendo a classificação do *bullying*, faz-se importante ressaltar a diferença entre o mais forte,

que comete a agressão, e o mais fraco, que tem dificuldade de quebrar a relação desigual de poder.

## 2.2 Os efeitos psicológicos dos bullying

10

De acordo com Fante (2008), o *bullying* na escola pode acontecer de várias formas, dentre elas, estão uma série de efeitos psicológicos significativos sobre as vítimas, agressores e até mesmo observadores.

Aqui estão alguns dos principais efeitos psicológicos associados ao *bullying*:

### 1. Efeitos nas Vítimas:

- **Estresse e Ansiedade:** Vítimas de *bullying* frequentemente experimentam altos níveis de estresse e ansiedade devido ao medo constante de serem alvo de agressões.
- **Depressão:** O *bullying* pode levar à depressão, manifestando-se como tristeza profunda, desesperança e falta de interesse nas atividades cotidianas.
- **Baixa Autoestima:** As vítimas, muitas vezes, têm sua autoestima prejudicada devido aos ataques constantes à sua aparência, habilidades ou personalidade.
- **Isolamento Social:** Muitas vítimas isolam-se socialmente para evitar o *bullying*, o que pode levar à solidão e ao sentimento de exclusão.
- **Problemas de Saúde Mental a Longo Prazo:** O *bullying* repetido pode deixar cicatrizes emocionais duradouras, aumentando o risco de distúrbios de saúde mental, como o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT).

## 2. Efeitos nos Agressores:

- **De sensibilização:** A prática contínua do *bullying* pode levar os agressores a tornarem-se insensíveis aos sentimentos dos outros e ao sofrimento que causam.
- **Problemas de Comportamento:** Alguns agressores podem desenvolver problemas de comportamento, como delinquência juvenil, abuso de substâncias e dificuldades acadêmicas.
- **Futuros Relacionamentos Afetados:** O comportamento de *bullying* pode prejudicar as habilidades sociais e dificultar a formação de relacionamentos saudáveis no futuro.

## 3. Efeitos nos Observadores:

- **Sentimento de Impotência:** Testemunhar o *bullying* sem intervir pode levar os observadores a sentirem-se impotentes e culpados.
- **Aumento do Estresse:** Aqueles que observam o *bullying* podem experimentar aumento do estresse devido à angústia de testemunhar o sofrimento de outras pessoas.
- **Reforço do Comportamento de *Bullying*:** Em alguns casos, os observadores podem, inadvertidamente, reforçar o comportamento de *bullying* ao não denunciar ou rir das ações do agressor.

É importante notar que os efeitos psicológicos do *bullying* podem variar de pessoa para pessoa e depender de vários fatores, como a gravidade da prática, o apoio social disponível e a resiliência individual. Portanto, a abordagem do problema do *bullying* deve ser holística, incluindo a prevenção, a intervenção e o apoio psicológico adequado para todas as partes envolvidas.

Priotto (2011) enfatiza que a relação de poder dentro da escola surge de problemas que acontece no seu cotidiano, muitos não podem ser resolvidos, sem que sejam adotadas soluções coletivas, pois quando não há um entendimento dentro da

problemática da escola, acaba desencadeando os efeitos psicológicos, principalmente no ensino fundamental e médio.

## 2.4 Preconceito contra os alunos LGBTQIA+

12

Em dados trazidos no livro de Fante, são relatados tópicos de desistência da vida escolar dos alunos que sofrem *bullying*, esses relatos vêm ao encontro do relatório de 2016 na página 4 da introdução do relatório, elaborado pela Secretaria de Educação Associação de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT):

- **Ausências e baixo rendimento:** Em relação ao desempenho, os estudantes que são alvos menos frequentes de preconceito relatam obter notas melhores do que aqueles que são vítimas da discriminação com mais intensidade. Os que relataram, dizem sofrer agressões pela orientação sexual ou pela identidade, ou expressão de gênero nunca, raramente ou às vezes, cerca de 80% disseram ter recebido notas boas ou excelentes, entre 7 e 10 pontos. Os índices caem entre aqueles que sofrem agressões frequentemente ou quase sempre por orientação sexual (73,5%) e expressão de gênero (72,4%).
- **Suicídio:** A pesquisa constatou ainda que os estudantes LGBT que vivenciaram maiores níveis de agressão verbal devido à orientação sexual ou identidade de gênero têm probabilidade 1,5 vezes maior de relatar níveis altos de depressão. Alguns dos depoimentos de estudantes evidenciam também níveis mais baixos de autoestima e até mesmo desejo de cometer suicídio.
- **Falta de preparo dos professores:** Na avaliação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), para reverter esse cenário, é preciso que os professores tenham uma formação com conteúdo específico voltado para a diversidade sexual e que haja materiais pedagógicos para promover o respeito a todos, sem distinção de qualquer característica pessoal. Entre outras medidas, a associação pede políticas públicas e leis para combater a discriminação contra a população LGBT.

Neste contexto, é importante considerar que a maioria dos atos dos efeitos psicológicos ocorre fora da visão dos adultos, que grande parte das vítimas não reage ou fala sobre a agressão sofrida. Com isso, pode-se entender porque professores e pais têm pouca percepção do *bullying*, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução e a interrupção dessas situações. Ainda, segundo Lopes Neto (2005), o *bullying* é mais comum entre os alunos com idades entre 11 e 14 anos, sendo menos frequente na educação infantil e ensino médio, e que entre os agressores há o predomínio do sexo masculino, enquanto, no papel de vítima, não há diferenças entre gênero. O fato de os meninos envolverem-se em atos de discriminação mais comumente, não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas sim, que têm maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento.

No entanto, a dificuldade em identificar os efeitos entre as meninas pode estar relacionada ao fato de usarem formas mais sutis. Desse modo, torna-se imprescindível traçar um panorama sobre esses efeitos nas escolas, sobre as suas características, que são muito diversificadas, uma vez que elas têm suas práticas mascaradas por meio da violência discreta. A partir de tais afirmações, cabe a tarefa de discorrer, de informar e de situar o leitor quanto ao desenvolvimento e entendimento da pesquisa do tema aqui proposto.

### 3 Metodologia

A metodologia deste estudo envolve uma análise crítica do tema, a qual se baseia em quatro autores específicos: Ciara Molina, Cléo Fante, Lara Antiquino e José Ignacio Pichardo Galán. A escolha desses autores foi motivada pelo interesse e apreciação dos autores deste trabalho, com o objetivo de garantir clareza na escrita e confiabilidade nos resultados obtidos por esses autores.

Os critérios utilizados para a seleção desses autores incluem:

1. **Reputação e Expertise:** Optamos por autores renomados e reconhecidos por sua especialização na área do *bullying* e psicologia escolar. Isso foi crucial para garantir que as fontes selecionadas fossem respaldadas por um sólido conhecimento e experiência no assunto.
2. **Relevância Temática:** Escolhemos autores cujas publicações estivessem diretamente relacionadas ao tema de nossa pesquisa, ou seja, o *bullying* e seus efeitos psicológicos. Essa seleção foi essencial para assegurar que as contribuições dos autores estivessem alinhadas com o foco de nosso estudo.
3. **Variedade de Perspectivas:** Reconhecemos a importância de incorporar diferentes perspectivas e abordagens para enriquecer nossa análise. Optamos por autores que ofereciam *insights* diversos e complementares, possibilitando uma compreensão mais abrangente do tema.
4. **Período de Publicação:** Priorizamos autores que haviam publicado trabalhos recentes. Isso garantiu que as informações estivessem atualizadas e refletissem as descobertas mais recentes no campo do *bullying* e da psicologia escolar.
5. **Amplamente Reconhecidos:** Escolhemos autores amplamente reconhecidos e citados em outras pesquisas acadêmicas. Isso nos proporcionou a confiança de que suas contribuições são respeitadas e influentes na comunidade acadêmica.

Nossa seleção criteriosa de autores baseou-se em uma análise minuciosa de reputação, relevância temática, variedade de perspectivas, atualização de publicações e reconhecimento na comunidade acadêmica. Esses critérios foram essenciais para garantir a robustez e confiabilidade de nossa pesquisa ao incorporar fontes de alta qualidade e relevância para o tópico em questão.

## 4 Resultados e discussão



No que diz respeito aos resultados e discussões relacionados à temática, é fundamental destacar que a primeira publicação de um artigo científico sobre *bullying* escolar é atribuída a Fante (2005). Ao longo do período de 2005 a 2017, esses quatro autores colaboraram de maneira conjunta na produção de livros, artigos e informações, demonstrando um comprometimento coletivo com a ampliação do conhecimento sobre o *bullying* e seus efeitos psicológicos e consequências.

Essas contribuições coletivas refletem um esforço conjunto para aprofundar a compreensão do *bullying*, não apenas no contexto escolar, mas também nas suas repercussões sociais além das paredes da escola. Isso enriqueceu, significativamente, o campo de estudo, permitindo uma análise mais completa das implicações do *bullying* no ambiente escolar e nas reações sociais fora desse ambiente. Além disso, essa pesquisa proporcionou uma visão crítica e uma promoção negativa desses atos, destacando a importância de combatê-los e promover uma convivência mais saudável e respeitosa em todos os âmbitos da sociedade.

No que diz respeito ao processo de categorização dos livros, artigos e informações baseados nos quatro autores, foram agrupados em categorias temáticas que abordam os temas centrais da discussão:

1. **Caracterização do *bullying* escolar:** Esta categoria concentra-se na compreensão e descrição do fenômeno do *bullying*, incluindo suas manifestações, dinâmicas e características.
2. **Efeitos emocionais e psicológicos e repercussões nas vítimas, agressores e testemunhas:** Aqui são explorados os impactos psicológicos do *bullying*, não apenas nas vítimas, mas também nos agressores e observadores, destacando as dimensões emocionais e cognitivas.
3. **Identificação, prevenção, intervenção e políticas públicas:** Esta categoria aborda estratégias para identificar, prevenir e intervir no *bullying* escolar, bem como discute o papel das políticas públicas nesse contexto.

4. **Análise social:** Nessa categoria, são realizadas análises críticas e discussões mais amplas sobre como a temática encaixa-se na sociedade, considerando questões sociais, culturais e contextuais.

Os autores enfatizam que o debate sobre o *bullying* escolar e suas implicações para a comunidade LGBTQ+ deve ser conduzido com sensibilidade, evitando polarizações. Eles sugerem que é fundamental que os educadores façam leituras e informem-se sobre o assunto, ganhando confiança em suas abordagens. Os autores também destacam o interesse dos alunos em discutir esse tema e a necessidade de fornecer informações e conhecimento sólido para promover uma compreensão mais completa e empática do assunto. As respostas dos alunos variaram bastante, porém revelaram, em muitos casos, os mitos existentes em torno da homossexualidade, relatos de um trabalho em sala de aula muito gratificante por ter colocado o conhecimento científico ao lado do empírico e por ter chegado a um consenso de que muito do que se fala ou do que se ouve não é a realidade dos fatos.

## 5 Análise do perfil psicológico do sujeito: prática de *bullying* na escola mediante análise da pesquisa

A fim de evitar situações de *bullying* escolar, é fundamental que se estabeleça uma série de estratégias focalizadas na prevenção do *bullying* dentro da educação formal. Seguem as características no Quadro 1.

**Quadro 1** - Estratégias para a prevenção do *bullying*

<b>Conscientização e Educação:</b>	Promover campanhas educativas para alunos, professores e pais sobre os diferentes aspectos do <i>bullying</i> , seus impactos e como reconhecê-lo.
<b>Ambiente Escolar Seguro:</b>	Criar um ambiente escolar onde os alunos sintam-se seguros para expressar preocupações, sem medo de retaliação.

<b>Apoio Psicossocial:</b>	Disponibilizar serviços de apoio psicológico para vítimas de <i>bullying</i> e agressores, visando a compreender as causas subjacentes do comportamento agressivo.
<b>Promoção do Respeito e Empatia:</b>	Incentivar o respeito mútuo e a empatia por meio de programas e atividades que enfatizem a importância do tratamento justo e compassivo.

Fonte: Os autores (2023).

Para realizar o exposto acima, é importante trabalhar com o grupo de pares, o departamento de orientação, os professores e as famílias. Essas são algumas propostas:

**a) Comunicação entre profissionais:** É primordial que a escola capacite e dê estrutura para que os professores da escola comuniquem sobre as agressões que ocorrem na sala de aula. Dessa forma, será possível observar se essas agressões são constantes ou pontuais e, assim, tomar as medidas correspondentes e cabíveis.

**b) Assembleias de grupo:** A realização de assembleias de grupo é uma estratégia muito importante, pois, por meio dela, os professores e seus alunos podem estipular democraticamente uma série de regras de convivência dentro da sala de aula. Tendo-os levado a cabo de forma consensual, os alunos sentirão que têm maior responsabilidade por eles.

**c) Aprendizagem cooperativa:** Outra estratégia muito útil é a aprendizagem cooperativa, já que por meio dela os alunos podem interagir e aprender uns com os outros. É importante que, nesse momento, o tutor realize os grupos, uma vez que, se houver alguma situação de assédio, eles podem deixar a vítima de lado e isso agravaria a situação.

Em relação ao agressor homofóbico, a UNESCO (2015) define-o como "um tipo específico de violência, comum no contexto escolar, a qual visa as pessoas por causa de sua orientação sexual percebida ou real e/ou identidade de gênero". Termo

como *bullying* homofóbico indica que eles expressam-se tanto por agressões físicas como verbais, há também ameaças do agressor e, portanto, a pessoa que é atacada entra em um ambiente de exclusão. Esses atos são repetidos com frequência e são persistentes. A intenção do agressor é causar danos, tanto físicos, emocionais e sociais. Em relação entre o agressor e a pessoa agredida, é de notar que se trata de uma relação de natureza desigual.

Pichardo (2012) destaca características sobre o *bullying* homofóbico:

- "Invisibilidade da diversidade na orientação do desejo". Isso se refere à falta de informação sobre diferentes orientações sexuais, já que muitas delas continuam sendo tabus.
- "A condição sexual 'diferente' é particularmente perigosa por ser um fator de risco 'transferível". Com isso, pode ser codificado que a pessoa que defende a vítima de assédio será "acusada" pelos agressores de ser homossexual. Isso torna difícil obter ajuda dos colegas para parar o assédio.
- "As vítimas podem temer tornar a sua condição sexual mais evidente se chamar a atenção para o seu caso quando o denunciam".
- "Estudantes LGBT questionadores, muitas vezes, não têm modelos no seu ambiente com quem se identificar ou com quem se aliar para se protegerem".

Portanto, a educação formal tem a necessidade e o dever de impedir que esses dados continuem aumentando, já que as escolas devem ser um espaço livre de discriminação, ambiente onde todos os estudantes sintam-se seguros e possam-se expressar livremente. Isso é muito importante porque, desde a infância até entrarem no mundo do trabalho, as crianças e os jovens passam a maior parte do seu tempo na sala de aula, e é lá que aprendem o que é aceito e o que não é aceito dentro da sociedade. Portanto, é essencial detectar quais situações podem resultar nesse problema. Para realizar o acima exposto, é fundamental que haja mais informações sobre o tema sexualidade, que tal temática seja transmitida, e logo debatida de forma comum, sem ridicularizar, ou estigmatizar. Ademais, é importante ter ciência e saber do que se está trazendo e englobando ao embasamento teórico e quantitativo, a partir

desse ponto a educação formal, poderá argumentar sobre a diversidade sexual e o fato de que existem muitas orientações sexuais igualmente válidas àquelas pré-estabelecidas pelo modelo heteronormativo de sexualidade.

Dentro desse aspecto, também é vital pôr fim aos estereótipos e preconceitos que existem sobre o coletivo LGBT, já que a sociedade eliminou-os em grande parte, mas alguns ainda estão latentes. Tudo isso mencionado acima tem relevância nas salas de aula, pois, como vimos, é o espaço onde ocorrem mais casos de agressividade aos LGBT.

Para isso, Pichardo (2012) enfatiza que, quando se fizer discussão sobre o tema, é de bom tom levantar uma série de recomendações dirigidas a esses profissionais para detectar e deter possíveis casos de assédio como os pontos abaixo:

- Abordar o preparo e formar os atores da escola, e assim explorar entendimento sobre as questões de sexualidade e orientação sexual. É muito importante que essas questões sejam trabalhadas, pondo um fim aos mitos e estereótipos existentes;
  - Usar linguagem não sexista;
  - Fazer grupos em que o sexo não seja o critério. Um exemplo para fazer grupos pode ser de acordo com o mês de nascimento, ordem alfabética ou que seja por afinidade;
  - Mostrar como a homofobia ocorre por meio da linguagem, por exemplo, em insultos como "viado" ou "bicha", os quais são pejorativos;
  - Mostrar situações e comentários homofóbicos ou provocações para o grande debate;
  - Demonstrar empatia e afeto;
  - Discutir na aula quais podem ser as consequências do *bullying*;
  - Gerar um clima de segurança para todos os estudantes que são LGBT;
  - Permitir demonstrações de afeto entre o grupo LGBT, bem como de casais heterossexuais.

De acordo com uma análise apresentada ao Jornal Folha de São Paulo<sup>3</sup>, a escola ainda é um ambiente bastante hostil para muitos alunos. 68% dos jovens LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) entre 13 e 21 anos declaram já terem sido agredidos verbalmente na escola por causa de sua orientação sexual. Já as agressões físicas atingiram 26,6% dos estudantes LGBT brasileiros. Devido à violência, 60% sentiam-se inseguros no ambiente educacional no último ano por causa de sua orientação sexual. Apesar dessa liberdade com a que contamos, vemos que em parte da sociedade ainda há o fato de não aceitarmos tudo o que vai além da dicotomia “masculino/feminino” que existe.

Os efeitos psicológicos do *bullying* referem-se às consequências emocionais e mentais que as vítimas, agressores e observadores experimentam devido à exposição constante a ações agressivas e repetitivas no contexto escolar. Esses efeitos podem ser profundos e duradouros, abrangendo uma variedade de respostas emocionais, comportamentais e cognitivas. Para as vítimas, os efeitos psicológicos frequentemente incluem estresse crônico, ansiedade, depressão e uma queda na autoestima. O constante medo de ser alvo de agressões e o impacto negativo na saúde mental podem prejudicar seu desempenho escolar e seu bem-estar geral. Os agressores, conhecidos como “*bullies*”, também podem experimentar efeitos psicológicos, incluindo a dessensibilização emocional, aumento do risco de comportamento agressivo no futuro e, em alguns casos, problemas de comportamento e saúde mental.

As testemunhas ou observadores do *bullying* também não estão imunes aos efeitos psicológicos, muitas vezes, experimentando sentimento de impotência, culpa e aumento do estresse devido à angústia de testemunhar o sofrimento dos outros. Portanto, os efeitos psicológicos do *bullying* abrangem uma gama de reações emocionais e comportamentais que podem afetar profundamente o bem-estar de

---

3 Disponível no site: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1834166-73-dos-jovens-lgbt-dizem-ter-sido-agredidos-na-escola-mostra-pesquisa.shtml> Acesso em: 21 mar. 2023.



todas as partes envolvidas, tornando essencial a conscientização, prevenção e intervenção eficaz contra esse problema.

Dreyer (2005) enfatiza que, assim como os autores de tal violência, que em sua maioria são pessoas que viveram em famílias desestruturadas com pouco relacionamento afetivo e a falta de atenção na supervisão por parte de seus pais, é também bem comum esse comportamento agressivo ou explosivo na solução de conflitos por parte de quem pratica o *bullying* que, em tese, só está repetindo este comportamento antissocial em sua adolescência porque já sofrera em sua infância. Também podem ser observados alguns sinais comportamentais como: a não adaptação a regras, insegurança, dificuldade para fazer amizades, provocação de brigas por onde passa e intimidação, para que todos façam sua vontade.

Com a conivência do grupo e a omissão dos adultos, os “valentões” tendem, cada vez mais, a abandonar sentimentos de generosidade, empatia, solidariedade, afetividade, tolerância e compaixão. As vítimas são os alunos que estão em franca desigualdade de poder, seja por situação socioeconômica, idade, porte físico ou até porque numericamente estão desfavoráveis.

Além disso, as vítimas, de forma geral, já apresentam algo que as diferenciem do grupo padrão (são tímidas, introspectivas, consideradas “nerds”, com alguma característica marcante, como serem magras, gordas), radicalizadas ou orientação sexual dissidente). Esse fato, por si só, já as torna vulneráveis aos ofensores. Não há justificativas plausíveis para a escolha, mas, certamente, os alvos são aqueles que não conseguem defender-se das agressões sofridas.

Essas agressões acontecem, geralmente, durante o período do recreio escolar. É nesse intervalo que a criança/jovem interage com mais intensidade com os seus pares, desenvolve sentimentos de amizade que implicam ajuda e aceitação mútua, bem como inimizades que, por vezes, desencadeiam comportamentos de alguma agressividade.

## 6 considerações finais

Além das reflexões acima citadas, torna-se necessário, neste momento, que nós, professores e professoras, passemos a questionar nossas práticas escolares, muitas vezes, naturalizadas no cotidiano; a duvidar, questionar e problematizar algumas “verdades” sobre sexualidades e gênero. Além disso, é preciso trazer algumas questões que implicam desvelar os processos de negação do direito à educação a pessoas LGBT, as quais sofrem *bullying* e, por isso, acabam por adquirir efeitos psicológicos traumáticos e irreversíveis. De certa forma, corroboramos para as reflexões acerca da função social da escola e dos/as educadores/as no que diz respeito ao enfrentamento de preconceitos e discriminações por orientação sexual e identidade de gênero.

Assim, com o presente artigo, podemos constatar que existem práticas intolerantes e estigmatizadoras, denominadas homofóbicas e/ou heterossexistas, as quais ferem a dignidade de seres humanos dentro e fora da escola. Lembramos, também que podemos dizer que são práticas orientadas pela matriz heteronormativa presente nas configurações sociais da educação. Essas práticas, orientadas por discursos sedimentados historicamente e repetidos no cotidiano, promovem a exclusão da população LGBT+ dos direitos de cidadania, constituindo um grave problema a ser enfrentado na educação e na democratização da sociedade brasileira.

Exige-se muita atenção, já que estamos inseridos em um estado de direito que nos proporciona liberdades específicas, incluindo a liberdade de manifestar e performatizar nossas sexualidades. É imprescindível, portanto, educar os adolescentes para respeitar os outros, não só no nível da diversidade sexual e de gênero, mas também para respeitar todas aquelas pessoas de corpos dissidentes, que se desviam da "norma", do que é preestabelecido como "erro", "estranho" ou "inadequado".

O trabalho buscou retratar, refletir sobre e reduzir o assédio, esta rejeição existente em relação ao coletivo LGBT+, a qual se deve, em grande parte, aos preconceitos e estereótipos herdados de uma sociedade patriarcal e machista. Alguns

dos aspectos que podemos realizar para evitar isso são: eximir-se em relação à linguagem depreciativa, proporcionar educação sexual afetiva e efetiva, que não se concentre apenas nas relações heteronormativas. Da mesma forma, é muito importante que as escolas e seu grupo diretivo envolvam-se no combate à LGBTfobia e treine seus profissionais sobre a questão das comunidades sexualmente periféricas, uma vez que os adolescentes sentem que quase não recebem nenhuma informação sobre estes grupos.

Estes últimos podem, também, discutir sobre sua orientação sexual e identidade de gênero, já que estas são vistas como “anormais” quando são dissidentes e, portanto, normaliza-se o assédio na sala de aula. Deve-se, portanto, reverter os efeitos psicológicos opressores por meio de palestras e *workshops*, destinados a aumentar a percepção e conscientização, a fim de prevenir a homo/transfobia. Da mesma forma, podemos lidar com a educação sexual e social de uma forma transversal.

Esperamos que esta pesquisa permita abrir caminhos e suas reflexões possam ser colocadas em prática pela rede educacional, desenvolvendo competências para que, assim, o sistema educacional, que é a Secretaria de Educação do Estado do Paraná, no caso em questão, crie programas de formações continuadas sobre essa temática para os educadores com o objetivo de ajudar no processo de socialização e, dessa forma, desenvolver intervenções educativas, promovendo a mudança e transformação social no meio escolar.

## Referências

ABGLT - **Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos. Paris, 2017.

CALHAU, L. B. **Bullying: O que você precisa saber**. São Paulo: Impetus, 2005.

COLOVINI, C. E; COSTA, MARA R. N. O Fenômeno Bullying na Percepção dos Professores, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/14657552-O-fenomeno-bullying-na-percepcao-dos-professores.html>. Acesso em: 10 maio 2023.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, C; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GADOTTI, M. **Escola cidadã**. São Paulo: Cortez, 1995.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: ATLAS, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LOPES NETO, A. A. **Bullying** - comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

ROLIM, M. **Bullying pesadelo na escola**. São Paulo: Dom Quixote, 2010.

SOUZA, J. S.; ARAÚJO, R. **Trabalho, Educação e Sociabilidade**. Maringá: Práxis, 2010.

MOLINA, C.; ANTIQUINO, L. **Sexo sentido, sexo vivido**. Lisboa: Editorial Planeta, 2017.

GENERELO, J. **Sem Complexos, guia jovem**. Barcelona: Editorial Egales S. L., 2007.

i **Wagner Grizorti**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5017-5365>

Centro Universitário UDC

Graduado em Pedagogia pela Faculdade Anglo UDC (2012). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável PPGDRS pela UNIOESTE. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL) - UNILA (2020). Professor no Centro Universitário UDC.

Contribuição de autoria: em que esse autor colaborou com o texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3373405784824585>

E-mail: [wagnergrizorti@gmail.com](mailto:wagnergrizorti@gmail.com)

ii **Márcia da Luz Leal**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2640-8384>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Licenciatura em Letras/Espanhol - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (1997). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável PPGDRS pela UNIOESTE. Mestre do curso de Pós-graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento (PPGPPD), Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.

Contribuição de autoria: em que esse autor colaborou com o texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8763801287754888>

E-mail: [marcia\\_lleal@yahoo.com.br](mailto:marcia_lleal@yahoo.com.br)

iii **Thiago Benitez de Melo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2474-6400>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Licenciatura em Letras Português/Espanhol - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, (2010). Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras (PPGSCF) pela UNIOESTE. Mestre pelo Pós-graduação em Letras (PPGL) pela mesma universidade. Especialista em Cultura e Literatura e Metodologia de Ensino.

Contribuição de autoria: em que esse autor colaborou com o texto.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0845013347338328>

E-mail: [thiago\\_benitez@hotmail.com](mailto:thiago_benitez@hotmail.com)

**Editora responsável:** Cristine Brandenburg

**Especialista *ad hoc*:** Fabrício de Sousa Sampaio e Kássia Mota de Sousa

### Como citar este artigo (ABNT):

GRIZORTI, Wagner.; LEAL, Márcia da Luz.; BENITEZ, Thiago. Os impactos psicológicos do bullying na rede escolar de ensino médio em alunos LGBT+. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e10977, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/10977/version/9974>

Recebido em 5 de julho de 2023.

Aceito em 8 de novembro de 2023.

Publicado em 24 de fevereiro de 2024.